

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

12 de Janeiro de 1879.

Interesse local.

Críticas são as condições em que actualmente se acham os moradores d'esta freguezia.

O Parahyba que de dia para dia engrossa suas aguas, tem chegado ao ponto de quasi impossibilitar a passagem da balsa devido ás grandes inundações.

Os postes em que se prende o cabo da balsa estão sendo abalados pela corrente das aguas, em consequencia do que se torna assás perigoso o movimento da faldação. O commercio e os particulares soffrem grandemente em seus interesses; em vista d'este estado de vida, e si não fôr o recurso que temos de um barquinho particular collocado em melhor porto, e que percebe paga pela passagem, estariamos incommunicaveis entre as duas margens do Parahyba até que o tempo secasse e se realisasse a vassante do rio.

Em vista do exposto, o governo provincial ha de concordar com o que a balsa que aqui temos é, não sómente um ruim remendo, como mais de uma vez havemos dito, si não ainda uma medida sem utilidade publica e até indigna de uma administração illustrada e financeira. Esta balsa que é alimentada a cerca de quinze annos com a pequena interrupção havida em quanto dorou uma jangada ou puleiro que ahi houve que se dizia ponte, que o governo, por medida economica contrahou por uma bagatela com um pobre homem—que não podendo dar conta da mão, e querendo cumprir o seu contracto,—viu-se obrigado a dispor dos poucos bens que possuia; esta balsa dizemos, considerada de baixo do ponto de vista economico tem sido uma sanguessuga voraz dos cofres provinciales.

Com a sua manutenção annual dispende-se cerca de dous contos de reis que, multiplicados pelo numero de annos decorridos, apresenta uma somma mais que sufficiente para termos ahi uma regular ponte de rodagem.

Por que pois, se continuará e alimentar um estado de cousas tão prejudicial ao publico a ao proprio governo provincial?

Nós que temos a felicidade de

contar na alta administração homens provecos, e financeiros, não podemos por forma alguma nos conformar com este desleixo que se observa nas cousas publicas.

É lastimavel incuria.

Nós precisamos de homens realmente prestativos, que attendam mais para as necessidades materiais e moraes da nossa patria para com a qual temos deveres puramente filiaes.

Longe, porém de assim succeder, só vemos benemeritos tão devotados aos seus sagrados deveres—que só procuram dilacerar as entranhas d'essa mãe commun que todos devemos cercar de attentões, de respeito e de reaes beneficencias.

E' até certo ponto desculpavel que quando se inaugura uma nova situação politica—appareçam aqui, ali, alem pequenos vulcões em ebullição, cujas ardentes lavas devastam tudo o que se antepõe á sua passagem destruidora.

Hoje, porém, que se acham serenados os animos politicos, fazemos um solemne apello para os nossos concidadãos-irmãos: E-queçamos antigos odios, confraternisemo-nos, Gregos e Troianos e, possuidos de legitimo entusiasmo, pujantes filhos da joven America—procuremos em commun o seu bem-estar e o seu engrandecimento. Encetemos a nobre romagem de verdadeiros patriotas, e que nos sirva de emulação para grandes committimentos os heroicos e edificantes exemplos dos nossos vizinhos—os Americanos do Norte que, quasi tão jovens como nós, tem todavia assombrado o velho mundo pela sua real grandeza.

Que cada um de nós seja um o-breiro do futuro: sejamos uns para com outros dedicados Cyrenotas, e teremos conseguido tudo.

Concorramos espontaneamente com o tributo que devemos de bons filhos, depositando uma pequena pedra no grande edificio social—e este terá conseguido a solidez que lhe vá faltando, e a patria se engrandecerá com a criação da familia.

Eia avante obreiros do porvir!

Variedades

O Carvoeiro das Arden- nas

OU O MILAGRE DE S. ROQUE

Foi uma vez um pobre carvoeiro, que vivia só n'uma cabana, que elle

mesmo tinha construido no centro dos bosques das Ardenas.

Aquella cabana era uma triste habitação, não se via nella nem móveis brilhantes, nem pinturas, nem em fim, o que ornava e embelleza a morada das grandes.

Elle não continha senão um leito de taboas, coberto de folhas secas, á maneira de colchão, e um pequeno banco; completavam esta mobília um cantaro de barro e uma imagem representando S. Roque.

Com tudo, como Bernardo, pois assim se chamava, sabia contentar-se com pouco, elle se acharia mais feliz que um rei na sua miseravel cabana se contasse com certeza poder cear todos os dias depois do seu trabalho, na companhia de um bom pedaço de presunto ou de queijo.

Mas ahi elle apenas ganhava com que comer antes de se deitar uma pequena pade de pão negro, e muitas vezes se tinha visto obrigado a transferir sua cea para o dia seguinte, por não ter sobre a prateleira que lhe servia de mesa, de armario e de aparador, a menor migalha de pão.

Naquelles dias, Bernardo se ajoelhava devotamente diante da imagem de S. Roque, e fazendo o signal da cruz, dizia:

—Grande S. Roque, eu pedego muita fome! Mas já que o bom Deus não julgou conveniente enviar-me trabalho para ganhar com que cear, seja feita a sua vontade!

E lançando um grande suspiro, deitava-se no seu leito de folhas sem se despir.

Um dia em que o pobre Bernardo, depois de ter trabalhado no bosque mais que do costume, se dispunha a comer tristemente um pedaço de pão que havia guardado da véspera, prevendo que no dia seguinte não podia comprar outro, ouviu gemidos dolorosos e arranhos na porta da sua cabana.

Sorprehendido desta bulha, levantou-se do banquinho sobre o qual estava sentado e foi abrir-a.

Vio diante de si um cão branco, todo coberto de poeira, o qual mostrava estar quebrantado de fadiga e parecia supplicar-lhe com os olhos compaixão.

Commovido, o fez entrar, e deitando agua n'uma escudella que lhe servia de copo, elle a pôz diante do animal, que, depois de ter bebido a longos sorvos, foi deitar-se a seus pés como para lhe dar a conhecer seu agradecimento.

Bernardo afagou-o com a mão, e tomando de novo seu pedaço de pão, foi morde-lo interior com appetite.

Um olhar supplicante do cão fez-o comprehender que tinha fome.

—Pobre animal! disse suspenden-

do a acção de levar o pão á boca:

bem vejo o que desejas, tu tens fome.

Olhou com tristeza para a exiguidade da sua cea.

—Eu não tenho senão isto, replicou elle dirigindo-se ao cão, como se este pudesse comprehendê-lo, mostrando-lhe o pedaço de pão, eu não tenho senão isto, trabalhei hoje tanto que, para saciar minha fome, ser-me-hia preciso pelo menos o duplo.

Um grunhido expressivo do animal foi a resposta desta triste lamentação.

—Vamos! disse elle proseguindo, não te desconsolares: já que o bom Deus te enviou a mim, seria offendi-o se não repartisse contigo da minha miseravel cea.

E sem mais demora, dividiu em duas partes iguaes o seu pedaço de pão, e muito se regosijou em ver a avidez com que o cão devorava aquella que lhe dava.

Quanto a este, logo que terminou sua magra refeição, testemunhou ao carvoeiro sua gratidão, fazendo-lhe tantos afagos e caricias que o bom homem resolveu conservá-lo junto a si.

—Eu sou pobre, disse fallando consigo mesmo; mas S. Roque não me hade abandonar, e, pelo menos terei um companheiro cujas caricias me recrearão das minhas fadigas e me ajudarão a supportar minha triste sorte.

A contar deste momento, Bernardo adoptou o cão, e poz-lhe em razão da cor do seu pelo o nome de Blanchet.

E Blanchet mostrou-se tão affeccionado a seu novo senhor, que não o deixou mais, e quando o carvoeiro ia fazer seus carvões ou voltava de seu trabalho, tinha certeza de que Blanchet corria e saltava a alguns passos adiante d'elle.

Mas, o que havia de mais extraordinario, era que depois que Bernardo tinha recolhido o pobre animal, observou que o pão necessario para sustento de ambos, longe de faltar, cada dia, quando se dispunha a repartir com Blanchet o pedaço que guardara da véspera, achava-o de dobrada grossura.

Por conseguinte, Bernardo pensou ter-se enganado, e prometeu a si mesmo de reparar bem na quantidade que deixava; mas em pouco não lhe foi mais possível duvidar, e, sem procurar saber como isso se podia fazer, contentou-se de comer mais e dar ao seu companheiro dupla parte.

Mas, entretanto, reflectindo algumas vezes na estranheza deste augmento extraordinario, temeu que elle não fosse obra do diabo.

Bernardo não tinha chegado ao fim de suas surpresas.

Uma tarde que entrou em sua

cabana seguido do seu fiel Blanchet, elle apressou-se em fechar a porta, e, levantando o brago para a prateleira, se dispoz a tomar seu pão, mas em lugar daquelle, puxou a si um grande prato todo decorado de flores vermelhas, pintadas sobre as bordas e que continha um grosso pedaço de presunto curado ao fumeiro e um pão branco.

Convenido de que uma potencia sobrenatural o soccorria, elle ergueu as mãos e cahio de joelhos diante da imagem de São Roque.

— Grande santo! exclamou, eu tenho frequentemente implorado o teu auxilio, és tu que me concedes além do que te tenho pedido? Graças pois te sejam dadas, por quanto nada mais tenho a desejar!

Ora, quando elle dizia isto, percebeu-lhe repentinamente uma imagem do santo augmentar-se demasiadamente e se animar, em quanto que o interior da cabana se enchia de uma viva claridade.

Tomado de assombro, Bernardo prostrou-se por terra.

No mesmo instante se fez ouvir a voz do santo:

— Levanta-te, lhe disse ella, e não tenhas medo; sou eu mesmo quem te tem soccorrido, mas se te tenho dado o que te era necessario, não foi unicamente porque m'o haviás implorado, como por te mostrares bom e generoso com um pobre animal alimentando-o com teu pão quando apenas o tiñas assaz para ti; tua boa acção deve ser recompensada como elle merece: volta-te e volta-te.

Bernardo, obedecendo á ordem que lhe era dada, voltou o rosto.

Blanchet estava diante delle sus-tendo na sua boca uma liada cor-de-rosa de vimes, completamente cheia de pedras d'ouro, que lhe apresentava como que convidando-o a tomal-as.

Elle como hesitava apossar-se della: — Toma, lhe disse a voz, e sabo fazer um tão nobre emprego desse ouro como o tens sabido fazer do teu pão.

Bernardo quiz agradecer ao santo, mas a visão já havia desaparecido, e a luz estava extincta e não restava

senão Blanchet sustendo sempre sua corbeilha.

Tomando então o precioso thesou-ro, o bom carvoeiro prodigou ternos afagos ao céu, causa principal da sua riqueza, e resolveu seguir as recommendações do santo.

Para esse fim fez construir, no lugar da sua cabana, uma pequena casa de pinho, a qual guardou de leitos, e poz nella uma boa provisão de farinha, vinho e presuntos; depois, cada dia, com seu bastão na mão e acompanhado de Blanchet corria os bosques a fim de descobrir os pobres viajantes perdidos, os quaes conduzia para sua casa onde lhes dava hospitalidade até o dia seguinte de manhã, nada querendo receber delles e não os deixando senão depois de lhes ter ensinado o caminho que deviam seguir.

A contar dessa epoca, o honrado homem jamais teve falta de pão, e foi feliz até o ultimo dia da sua vida.

Vê-se, pois, que um pedaço de pão dado de bom coração basta algumas vezes para chamar sobre aquelle que o dá as bençãos do céu.

(P. das Priminhas.)

O AMOR

Para solemnizar o dia do nascimento da deusa de Guido, houve uma cea olympica a que assistiram todos os deuses e pontualmente Porus, filho do Conselho, e deus da Abundancia.

O néctar correu a flux, por que o vinho não estava em uso, por forma que o tal divo do senhor Porus adormeceu nos jardins do tonante Júpiter como qualquer simples mortal.

Terminado o divino bródio appareceu a Pobreza a colher as insignias da sumptuosa meza dos nunes; porém apercebendo Porus assim adormecido irresistivelmente se acercou d'elle, e, compellido da sua indigencia, desejou o commercio d'aquelle deus.

D'estes deus principios tão oppos-tos nasceu o amor.

Eis porque, concebido no dia em que nasceu Venus, elle deseja e aspira continuamente á belleza. Mas, o misero pelo tal maternal herdon a indigencia, a vergonha e a fealdade mesmo.

Magro, sujo, descalço e roto, sem casa nem vida dormindo pelas ruas e pelas praças publicas, — apesar de alado, está radicalmente preso á terra.

Dos instinctos paternaes lhe vem a sciencia, a gloria, o gozar do que é bello e bom artil e industria para o conseguir, abundancia de novos expedientes, e a famosa loquela que a todos encanta.

Com tudo, como provem de deus seus tão contrarios, não é nem mortal nem immortal; nem sabio, nem ignorante; nem rico nem pobre.

Assim a porta Sonastes no ban-quete de Placido.

Ingado.

— O ciúme —

(Indito)

Oh furias infernaes q' vos conjuro! Burgi! Burgi do Lethes patorco, De Marília infel torva o péto: De chofre entra em seu coração perjurio! Torne-lhe o leito nupcial escuro... Evanesça-lhe o habito da esposa... Vinde do Vougo! rote desditoso, O cantor d'essa vil, á amante paro! Quando ao quarto d'amor guar sem pastos Arrendes da morte entre os arquipos Sed fides coração em mil pedapoz... Sejam punhas seus perfidos desejos! De cobras assanhadas seus abraços! De venenosas viboras seus bojos.

F. J. Bingre.

DULCI-AMARA

A cousa mais doce que ha é o amor:

Amor é doce,
É dos prazeres
O mais gostoso.

A cousa mais amarga que ha é o amor:

Amor traz susos,
Causa affligões,
É um flagello
Dos corações.

A cousa mais doce que ha é o casamento:

Casr é doce,
É muito bom,
Quando se faz
Bom unio.

A cousa mais amarga que ha é o casamento:

É amargoso
O casamento,
Se falta amor
É um tormento.

NOTICIARIO

Balsa. — Solicitamos do gn. A-dmistrador do registro da barreira n'esta freguezia o especial obsequio de mostrar-nos, ou antes, de dar uma explicação ao publico sobre o serviço da passagem da balsa n'este porto.

E' geral o descontentamento de grande numero de pessoas que, levadas por seus interesses, são obrigadas a utilisarem-se da balsa que aqui temos paga pela provincia.

Ao que nos informam, o governo provincial dispense cerca de 150.000 peneiras para a balsa, ao pagamento de dois barqueiros, não que sejam absolutamente indispensaveis dous individuos para aquelle serviço, mas com o fim de jámais ser interrompido aquelle serviço durante o dia e até ás nove horas da noite.

Isto, porém, nem sempre succede. Amindadas vezes isto frequentemente, a balsa fica deserta, e si o passageiro ou passageiros impacientes ainda têm a felicidade de encontrar a balsa na margem de onde se dirigem, extenuados de chamarem os empregados.

— Ah, sim! exclamou: vindes de Lacedemonia.

— Não é isso, replicou o outro totemamente: não sabes que vem da corte da Persia, onde esteve por embaixador?

Confesso que meu amor proprio ficou humilhado da ignorancia daquelle persongens. Mas por fim me puz a ric, e me desenganei das illusões da gloria.

Mas diz-me onde está o sepulchro de Cyro?

— Em Passarda está, continou o principe, coberto de riquezas, e em um abutido de ouro massivo.

— Cambyss, seu filho, confiou a guarda delle aos magos, que o conservaram sob seus successores.

Cada dia sacrificavam um cavallo á sua memoria.

— Eis aqui o seu epitaphio: — *Eu sou Cyro, filho de Cambysses fundador do imperio Persa e senhor da Asia: não me inicies este monumento em que meus ossos descão.*

— Mais seguro seria o descanso de Cyro, interrompeu, Aristides, se aquelle monumento fosse só de pedra.

(Continuar-se-ha.)

Folhetim (8)

Aristides o Justo

«—»

Depois do jantar, conton-lhe o principe a tomada de Babylonia pelo grande Cyro.

« Assa que aquelle grande heroe viu a espessura e altura de seus muros, e a largura do rio, que dentro da cidade tem dois estadios, se inquietou em extremo, contemplando a temeridade de sua empreza, e tanto mais que os Babylonicos tinhão juntado mantimento para trienta annos; mas seu egoismo, que era igual ao seu valor, lhe suggerio um estratagemma feliz: investio a cidade, e mandou fazer á roda das muralhas uma profunda trincheira, cujas terras se iam emontando para o lado dos muros, e sobre ellas se foram levantando torres.

« Mofaram os sitiados d'aquellas obras.

« Supportos Cyro as zombarias e esperou o dia de sua vingança.

« Souba que haviam de celebrar uma festa solemne, e passar a noite em divertimentos. Aproveitou-se da occasião.

« Ao por de sol mandou abrir fossos desde a trincheira até ao rio: immediatamente se precipitou a agua, bellet; e o rio em mil pouco tempo ficou vadeavel.

« Cyro o mandou sondar, e entrou na cidade á frente de suas tropas: a bulha e a confusão da festividade impedio ao povo de ouvir sua marcha.

« Foi-se direito ao rei Baltazar, que já o esperava com a cimitarra na mão á frente de suas guerdas.

« Perdeu a vida, e Cyro, senhor do palacio, prohibio aos habitantes que sahisses de suas casas sob pena de serem degolados.

« Babylonia é tão vasta, que os que viviam nas extremidades estavam já subjugados, quando os do outro ainda ignoravam qual seria a sua sorte.

« Ao raiar da aurora se entregaram a discreção.

« Visitei o sepulchro daquelle

heroe, e n'elle derramei lagrimas de sensibilidade e de desesperação. Os trophos do vosso Melchisedes perturbaram o descanso de Themistocles e a gloria do grande Cyro agita meus espiritos em termos de envergonhar-me da minha escuridão.

— Ah jovem Cyro! exclamou Aristides: a gloria é um fantasma: succede com ella o mesmo que com a luz, que é o maior bem para os que vêm do que para os que são vistos.

Escutai o que me succedeu: Fui eleito por todos os gregos para a taxa geral dos impostos, que era uma commissão mui lisongeira, a qual desempenhei muito bem: voltei á Athenas, crendo que não se fallaria nella de outra cousa senão de mim, e da minha fama: encontrei em Alimo, aldeia da Attica, alguns athenienses de certa classe, que estavam havia já diu tempo: um dellas me perguntou que novidades corriam em Athenas?

Fiquei pasmado, e lhe respondi que estava ausente: delle havia muito tempo, e que voltava então de uma commissão importante.

dos que nem sempre apparecem, e exercem elles proprios as funções do empregado remisso; mas, se por ventura acontece que a balsa se acha do lado opposto, o paciente ou pacientes tem que alli permanecer por longo tempo até que appareçam os barqueiros ou algum passageiro que conduza a balsa. Este facto reproduz-se frequentemente com grave prejuizo do commercio e geral detrimento de todos aquellos que se dirigem de uma para outra margem do Parahyba.

Queremos que o sr. Administrador nos responda se o publico é obrigado a passar por este vexame, ou se, ao contrario, não tem elle legitimamente o direito a ser servido a tempo e a hora e convenientemente?

Dos dnos empregados encarregados do serviço das passagens da balsa, o mais antigo, sr. Joaquim satisfaz convenientemente ao publico: é cumpridor dos seus deveres e attencioso para com os passageiros; outro tanto, porém, não acontece ao novo balleiro. Assim carecemos distinguir: o publico é sempre mal servido todas as vezes que alli não encontra o primeiro. Nos parece a nós que seria mais conveniente a conservação de um só empregado zeloso no cumprimento das suas obrigações, como é o sr. Joaquim — a ter-se um outro que, tendo de rezar-se, não o iguale em aptidão. Aguardamos providencias.

Enfermo.—Em consequencia de uma queda de um animal, tem estado assás incommodado o nosso amigo e illustrado collaborador sr. dr. José Ignacio de Macedo, promotor da comarca. Achando-se, porém, o nosso amigo, sob os cuidados medicos do sr. dr. Ascanio, que toma vivo interesse pelo seu restabelecimento, — estamos convencidos de que brevemente convalescerá o nosso prestimoso amigo.

Tentativa.—A 4 do corrente ás 8 horas da noite na Villa do Cruzeiro; alguém tentou contra a existencia do sr. Antonio Pedro da Silva que tendo-se n'essa mesma hora despedido de um amigo que viera visitar-lhe e dirigindo-se para o interior da casa, quem quer que tentara contra a sua vida, suppondo-o recostado em uma rede na sala de visitas que então se achava ás escuras, disparára n'aquella direcção um tiro de fuzil, tendo-se impregnado toda a carga, constando de 26 grãos de chumbo, em uma porta lateral da referida sala.

A autoridade procedeu ao auto de corpo de delicto e prosegue em ultteriores averiguações.

Lamentamos este acontecimento; por quanto conhecemos bem de perto o sr. Antonio Pedro que, além de inoffensivo, é ainda um bom chefe de familia e valetudinario.

Presidentes de Provincias.—Do *Biorio Official* de 10 extrahimos o seguinte: —

Por cartas imperiaes de 9 do corrente foram nomeados:

O bacharel Americo de Moura Marcondes de Andrade, presidente da provincia do Rio de Janeiro.

O bacharel José Lúcio da Cunha Parangahy, secretario do governo da mesma provincia.

O bacharel Theophilo Fernandes dos Santos, presidente da provincia de Sergipe.

O bacharel Felisberto Pereira da Silva,

presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

O bacharel Antonio de Araújo Aragão Bulcão, presidente da provincia da Bahia.

O bacharel Artilheiro de Souza Spínola, presidente da provincia de Goiás.

O bacharel João Pedro Belfort Vieira, presidente da provincia do Parahyba.

O bacharel Mathias Antonio da Fonseca Moraes, 1.º vice-presidente da provincia do Rio Grande do Norte.

Linhas ferreas.—As ultimas chuvas das dias 3, 4 e 5 do corrente têm ocasionado graves danos aos trilhos ferreos de Pedro II e S. Paulo e Rio de Janeiro. Como já noticiamos em o n.º precedente da nossa folha, o maior estrago foi entre Quiluz e Lavrinhas; e agora sabemos mais que não poucos pequenos trechos foram também os prejuizos havidos nas alturas do Pombal, no kilometro 170. Identicas circumstancias se têm dado na linha do norte onde o transito se facha também interrompido. Tanto em uma como em outra linha ferrea trabalha-se dia e noite e ao escrevermos esta noticia já se acham restabelecidas as communicações até agora interrompidas.

Ficamos, durante estes ultimos dias, em consequencia d'esses incidentes, em completo estado de sitio.

Até da nossa vizinha Loréna não tivemos noticias até os meados da presente semana.

A propria *Gazeta* d'aquella cidade não pôde nos ser remittida, assim como não nos foi possível fazer para alli a remessa da nossa folha.

As chuvas foram realmente terrapheas. O Parahyba continúa a escher.

Espancamento.—A 1 do corrente na estrada do Passa-vinte, municipio da Villa do Cruzeiro, Francisco Pereira de tal espancou a Pedro Soares do Nascimento. Este tendo ido ao chão, e quasi desaccordado, ao levantar encontra-se não com o seu aggressor e sim com o seu camarada José Gonçalves da Luz e suppondo o author da aggressão que soffrera arremessa-se contra elle e espanca-o também.

O subdelegado em exercicio, sr. Deodato da Silva Rodrigues procedeu ao auto de corpo de delicto em ambos os offendidos e prosegue em averiguações.

Ao que nos consta o autor do delicto tem precedentes que o desabonam.

Solrão.—A 6 o sr. F. de Godoy Buéno, em sua residencia n'esta freguezia, por occasião de baptisarse um seu filho, offereceu a seus amigos um copo d'agua e a noite uma bem concorrida *solrão*, onde se achava reunida a nossa melhor sociedade.

Por motivos fortuitos não nos foi dado aceitar um convite que nos endereçou o nosso amigo sr. Godoy para aquella reunião. Entretanto a agradecemos-lhe a obsequiosidade do convite e o felicitamos a sua exm. familia.

Galato.—Visto que atravessamos uma crise de incommunicabilidade, certo espirituoso entendeu que devia desatar a corda que serve Jucabo da balsa, permanecendo esta por algumas horas do dia 8 estacionaria, só recomeçando o seu movimento depois de grande trabalho

empregado em tirar da corrente do Parahyba aquelle imenso cabo.

Fallecimento.—Rendeu a alma ao Crendôr na cidade do Itajubá a 1 do corrente o nosso amigo, sr. Major Francisco Pereira de Magalhães principal tronco da illustre familia Magalhães d'aquella cidade, e que já conviveu entre nós ha alguns annos. Era o fiado importante chefe do partido liberal, em cujas fileiras deu exuberantes provas da sua sãma dedicacão pelas ideias que advogava. Lamentamos a morte de tão presante cidadão e dirigimo's a sua illustre familia sentidos pezaes.

Outro.—Tambem falleram a 6 do corrente a sr.ª Gerarda Maria da Conceição, esposa do sr. Bento Alves de Moura Coelho, agricultor d'este municipio. Nossos pezaes são inconsolavel espino e a familia da finada.

Passageiros.—Segundo um *reporter* povocaram os diversos hospedes d'esta freguezia no dia 4 do presente mez 107 passageiros interceptados pelos desmanchos das linhas ferreas. Destes hospedes, consta-nos que occuparam o *Hotel Muões* 42.

Attentado á Imprensa.—

E' do *Jornal do Commercio* de Porto Alegre o seguinte extratto: —

A redacção do *Guarany* de Uruguaiana dirigiu-nos em boletim o protesto que abaixo transcrevemos: —

"Hontem sabhado, a noite depois da tiragem do jornal, apresentou-se-nos uma grãe multidão de gente do sr. Antonio José Rodrigues de Oliveira Filho, promotor publico do termo, um exemplar dos que hoje devião ser distribuidos.

Como bem se comprehende, não satisficemos a exigencia, que não se apoiava em nenhuma lei.

Se o sr. dr. promotor tem quixoticas particularidades contra a redacção do *Guarany* não pode manifestar a sua má vontade empregando a força publica para exercer semelhante coacção, que constitue um abuso sem nome, em face da legislação que rege a imprensa, e que o sr. dr. não desconhece.

Mas não ficou n'isso. Desattendido, porque não tinha razão de ser o seu procedimento, mandou enfiar a porta d'esta typographia de encerrada a mesma praça de publico, com ordem de não deixar sair o jornal!

E' até onde pode chegar o falseamento do principio da autoridade. Dir-se-hia que as leis não vigorão em Uruguaiana para substituirem-se a caprichos que seriam pueris se não fossem criminosos e attentatorios dos direitos e da liberdade que a sombra da lei exercitão-se no malfazejal dos paizes do mundo.

O *Guarany* tem editor idoneo, não attaca a reputação de ninguém, e não são dos limites do seu programma ainda offendendo seus interesses financeiros.

Denunciamos o facto aos exms. srs. presidente da provincia e chefe de policia, á imprensa e ás mais autoridades a quem compete o conhecimento do abuso que nos victimou, e protestamos pelos prejuizos que d'esse acto insolito nos podem vir.

Essas autoridades, como o publico intelligente e illustrado, sabem que os jornaes têm a luz sem censura previa, e que a sua responsabilidade não se pôde fazer efectiva senão dadas certas circumstancias que a lei previne.

Reclamamos garantias para a nossa propriedade seriamente ameaçada pelo sr. dr. promotor publico.

O facto abusivo contra o qual lavramos este protesto foi testemunhado pelos srs. capitães João da Camara (tanto a Frazão) Gomes da Carvalho, e outras pessoas indubitavelmente do acto que ninguém se atrevia fosse praticado por ordem de um funcionario publico que devia ser o primeiro a render homenagem e respeito ás leis de seu paiz.

A redacção. Uruguaiana, 17 de Novembro de 1878.

Sabemos que S. Ex. o Sr. presidente da provincia, ao ter conhecimento d'este facto pelo *Corrio Mercantil* de Pelotas, pediu informações das autoridades locais, a fim de poder providenciar como o exige o caso.

CHARADAS

- 1.º
- 1-1-1—A virtude mostra alegria ao cego com fereza. 2.º
- 1-1-1—Olhei a 13.ª nota no cateterê. 3.º
- 1-1—Não é bem affirmativa a denunciante. 4.º
- 1-2-2—Ordem a aurora e ao animal domestico cedilhado a origem de todos os vícios. 5.º
- 2-2—Fabricada de aço ou tirada do ganso, é sempre leal esta cidade de Portugal. 6.º
- 2-1-0 que symbolisa o flavello filho de Venus com r.º—Uma variação phonetica e sciça phraseologia dos namorados.

(A d. n.º precedente são: — *Limnada Regulador—Sofia—Sofia—Camaleão e Sopa-pe.*)

A PEDIDOS

(CRENÇA)

Meu Deus! Eu creio nas brancas azas da harmonia, Min' alma voa para junto a ti Senhor! Pois que as vozes que aalem ta nos mandam: ...

Ca na terra só murmuram a crença, amor! Ah! eu creio! sim eu creio! que és eterno, A fonte das suplicas alegrias, ...

A origem das sublimas angustias, ... O accordo das cerebras harmonias! Ah! eu creio, em ti eu creio, oh! Jehovah! Pois que a vida não é mais que lenço p.º

—E depois dos naufragios mundanos Se persiste a crença em ti, a crença só! Oh! envia lá do céu, ethereo azul, ...

N'um dos raios do sol tão refrigente, A fôrça aos insensatos que dos reus, A mim a paz ... o rio, ... tão elemental, Carhoeira, 27 de Dezembro de 1878.

Francisco P. da C. Guedes.

AO COMMERCIO.

Uma pessoa com 16 annos de pratica de escripturação mercantil, deseja tomar algum trabalho de escripta, preferindo lugar á margem da Estradã de Ferro. Quem precisar deixe carta no escriptorio d'esta folha com as initiaes C. S.

EDITAL

O Cidadão Galdino Rodrigues Pereira Goulart Juiz de Páz do corrente anno na forma da Lei etc,

Faz saber aos que o presente Edital virem ou delle noticias tiverem que tendo a Junta revizora de votantes deste municipio concluido os seus trabalhos enviou a este Juizo os titulos dos votantes; por isso convida a todos os cidadãos qualificados votantes por esta Parochia a virem dentro do prazo de 30 dias a contar da data deste receberem os seus titulos de votantes, de conformidade com a Lei Eleitoral, e para que chegue a noticia de todos mandei passar o presente que será publicado pela imprensa. Cachoeira, 7 de Janeiro de 1879. Eu José Eduardo Nogueira de Sá Escrivão que o escrevi.

Goulart

ANNUNCIOS

Grande pechincha!!

Verdadeiras taboas de cedro por preços nunca vistos.

N'esta typographia se dirá quem vende. 6-2

PEDREIRO.

Quem precisar dos serviços de um official-pedreiro, queira dirigir-se a esta typographia que se dirá com quem se trata. 6-2

ATTENÇÃO

Precisa-se de um ou dois trabalhadores que tenham pratica de serviço de arado.

Tracta-se na Fazenda da Cachoeira com o Dr. Costa Junior.

Vende-se uma preta, crioula de 16 annos de idade, bonita figura, de serviço de roça, domestico e sem vicios, para informações n'esta Typographia.

Cachoeira, 20 de Dezembro de 1878.

GAZ GLOBO

JOSÉ DE LASIERRA PEREIRA

REPRESENTANTE PRIVILEGIADO DA CASA

H. GUIMARÃES & SILVA

Para fornecimento

Rezende, Barra Mansa, Bananal, Barroiros e Aréas.

6 Rua da Independência 6

Sortimento completo e variado de generos Norte-Americanos, christofie, electro plate bronze, porcellanas de todas as qualidades, crystaes, vidros, louças, chá, mates, etc.

Encarrega-se de mandar vir da corte qualquer encomenda. Variado sortimento, e o mais aperfeiçoado

de lustres, arandelas, lanternas para passeio, lampões para o uso de kerosene, chaminés de todos os formatos, bocas para lampões, lanternas apropriadas para iluminação de fazendas, cuja luz tem tido grande aceitação em todos os paizes d'Europa e na America, com feliz exito; não só quanto ao acio e commodidade, como na parte economica.

N'este estabelecimento encontra-se variado sortimento de louça, chrysstaes, chrysstofie, objectos Americanos para o uso domestico e para lavoura. Variado sortimento de sementes para horta; bombas apropriadas para pásca com muito feliz resultado, tornando ao mesmo tempo grande distracção para as pessoas que vão assistir, e outros muitos objectos que seria fastidioso noticiá-los, esperando a visita no seu estabelecimento, de todas as pessoas quando se offereça occasião.

Tem em deposito unicamente naphtha e o Kerosene inextinguivel, cujas virtudes estão mais que conhecidas, não só pela excellente e brilhante luz, bem como pela economia.

REZENDE



100\$000 Rs.

Da-se de gratificação a quantia acima a quem apprehender ou der noticia certa das duas escravas abaixo declaradas pertencentes a Dona Anna Maria de Seixas, residente n'esta freguezia:

Anna, crioula, 40 annos, mais ou menos, falta de dentes na frente, estatura regular, cheia de corpo, veste bem e passa por fôrma. Falla regularmente, mas quando perturbada gagueja a ponto de pouco perceber-se o que diz.

Silvéria, parda de 50 an-

nos de idade, estatura regular, cabellos grenhos, grandes e observa pouco asseio no vestir; boca grande falla pausada e mansa.

Ambas estas escravas desapareceram desta freguezia a cerca de um anno: a primeira julga-se que pára em algum ponto da provincia do Rio, e a segunda em S José do Paraizo (Minas) de onde é natural.

12-3

ESCRAVO FUGIDO

Fugio no dia 1 de janeiro de 79 o escravo Flausino pertencente a Diogo dos Santos Pinto, com os seguintes signaes: Cór par-

ba á Cavaignac: tem falta de dentes do lado esquerdo, olhos inchados, pés grandes, e no andar joga um pouco para fóra; pernas grossas. Levou calça e collete de casimira de côr, palitot de panno azul forrado de baeta encarnada, chapéo preto, alto. E' conhecido pelo nome de Sabino; já andou fugido dous annos, e consta que já esteve prezona cadeia de Areias e que ultimamente andou por Silveiras e Itagacaba, onde foi preso. Gratifica-se bem a quem o apprehender e leve-o a seu senhor em Campo-Bello, e protesta-se com todo o rigór da lei contra quem o acoutar.

Campo-Bello, 2 de Janeiro de 1879.

T

O Doutor Idelfonso Ascanio de Azevedo, medico operador e parteiro, tendo fixado sua residencia n'esta freguezia offerece os seus serviços medicos, ao respeitavel publico accetando chamados para qualquer parte e a qualquer hora do dia ou da noite.

Da consulta na Villa do Cruzeiro, na casa de propriedade da exma. sra. D. Anna de Seixas, ás quintas-feiras e domingos do meio dia á duas horas da tarde, e na impossibilidade de nos dias immediatos.

N'esta freguezia, todos os dias das seis horas da manhã ás nove da noite.

Gratis aos pobres

Cachoeira, 8 de Janeiro de 1879.

MEDICO

O Dr. João Luiz Vieira Maldonado medico e operador. Reside n'esta cidade á rua da Piedade n.º 3, onde pode ser procurado a qualquer hora para os misteres de sua profissão, attendendo com promptidão a todos os chamados, que lhe forem dirigidos.

Da consulta todos os dias em sua residencia. Gratis aos pobres.

LORENA

Typ. do Echo Municipal. Cachoeira.